



Núcleo de Pesquisa, Ensino e Extensão em Pecuária

www.ufpel.edu.br/nupeec



Deslocamento do abomaso: um risco no periparto

Francielle Bado – Graduada em Medicina Veterinária

Elizabeth Schwegler – Doutoranda em Veterinária

Carolina Bespalhok Jacometo- Mestranda em Zootecnia

Viviane Rohrig Rabassa – Doutoranda em Veterinária, Prof. Semiologia

Marcio Nunes Corrêa- Dr., Prof. Adjunto Fac. Vet. – UFPel;

Pelotas, setembro de 2010

A necessidade de intensificação e maximização da lucratividade na produção leiteira mundial, através da otimização dos meios produtivos, desencadearam uma mudança do perfil destes animais. Esta nova realidade submete constantemente os animais a uma situação de extrema exigência nutricional, produtiva, reprodutiva e sanitária, o que reflete diretamente na ocorrência de doenças no periparto, como a cetose, acidose ruminal, retenção de placenta, metrite, hipocalcemia, deslocamento de abomaso e laminite. Estas doenças provocam uma perda acentuada na produção de leite ou até mesmo a morte do animal, o que gera custos para o tratamento do rebanho e conseqüentemente prejuízo econômico para o produtor.

Como uma das doenças de grande ocorrência, o deslocamento de abomaso (DA) ocorre mais freqüentemente poucos dias após o parto, sendo cerca de 46% dos casos nos primeiros 10 dias (Ziguer et al, 2005), caracterizando-se por apetite diminuído e seletivo, emagrecimento progressivo, desidratação moderada a severa, cólica, fezes de cor escuras ou ausentes e cetose secundária. Além disso, observa-se diminuição na produção leiteira, chegando a representar 30% das perdas.

Há basicamente duas possibilidades de DA: no deslocamento a esquerda (DAE), a víscera migra de sua posição anatômica original, no assoalho do abdômen, para uma posição ectópica entre o rúmen e a parede abdominal esquerda. No deslocamento à direita, o órgão pode deslocar-se dorsalmente na cavidade abdominal provocando o deslocamento do abomaso à direita (DAD), que pode evoluir, em situações de maior risco, para o vólvulo abomasal (VA). Mundialmente, o DAE apresenta maior freqüência sobre o DAD e VA, representando 85 a 95,8% de todos os casos.

Por ser uma doença multifatorial, podem ser citados os seguintes fatores de risco: nutrição e manejo pré-parto, alimentação com altos níveis de grãos e baixa quantidade de fibra efetiva, estação do ano (oferta de forragem) e genética (contínua seleção para animais com maior produção de leite, com capacidade digestiva aumentada).

O mecanismo primordial da etiologia do deslocamento de abomaso faz-se a partir de uma alimentação com altos níveis de concentrado, os quais, no organismo de um ruminante, resultam em um aumento da taxa de passagem do alimento no trato gastrointestinal, o que diminui a motilidade ruminal e abomasal. Assim, o gás produzido

pela fermentação fica acumulado no abomaso, que acaba sofrendo distensão e posterior deslocamento.

Em algumas propriedades, durante o período seco, as vacas recebem uma alimentação altamente energética, o que aumenta o peso ao parto. Esta mudança corporal resulta num decréscimo da ingestão de matéria seca, intensificando o balanço energético negativo (BEN), que está diretamente relacionado com a ocorrência de DA. Também, quando no manejo pré-parto, as vacas são alimentadas somente com volumoso, porém, após o parto, estes animais retornam a receber, sem um período de adaptação, grandes quantidades de concentrado, esta mudança súbita na dieta pode vir a desencadear um DA.

Além disso, o parto também pode ser um fator desencadeante do deslocamento do abomaso, pois nas fases finais de gestação, o útero expandido desloca o rúmen do assoalho abdominal dorsalmente, empurrando o abomaso para o lado esquerdo cranialmente, sob o rúmen. Após o parto, o rúmen volta a posição ventral, prendendo o abomaso, gerando o seu deslocamento.

Sendo o deslocamento de abomaso uma das enfermidades mais frequentes no sistema intensivo de produção leiteira, uma das maneiras de reverter este quadro evitando-se prejuízos, seria não somente através de um diagnóstico preciso e eficaz, mas principalmente a adoção correta de técnicas alimentares específicas para cada fase do processo produtivo. Assim como, um monitoramento da ocorrência na propriedade para controle e seleção genética de animais com menor pré-disposição a este problema.